

**Perry Anderson. (2019) *Brazil apart: 1964-2019*. London: Verso, 240pp.
(ISBN-13: 978-1-78873-794-4)**

Giovanna Henrique Marcelino

São inúmeras as vezes que a reflexão crítica sobre o presente nos remete, quase que inevitavelmente, ao resgate do passado. Isso tem sido uma constante nos esforços de decifrar o que acontece no Brasil hoje, que passa por um dos momentos mais delicados de sua história recente. Como explicar a ascensão de Jair Bolsonaro? Que relação ela possui com o balanço dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT)? E com a ditadura militar brasileira? Qual a melhor forma de categorizar o atual governo (extrema-direita, autoritário, fascista?).

Este conjunto de indagações, que compõe parcela importante das ponderações sobre o contexto brasileiro atual, justificam a relevância de uma obra como *Brasil à parte* (2019), escrita por Perry Anderson, renomado historiador britânico e editor de longa data de uma das revistas de esquerda mais importantes da atualidade, a *New Left Review*. Reunindo ao todo seis artigos, o livro oferece um panorama da história econômica e política do Brasil dos últimos 35 anos, na tentativa de captar - a partir de uma visão "exterior" e "estrangeira" - a singularidade da experiência brasileira, em especial, de sua organização econômica, militar e política.

Os primeiros cinco ensaios passam em revista os acontecimentos que marcaram a política nacional e os mandatos das principais personagens que protagonizaram a história da Nova República - Fernando Henrique Cardoso, Lula, Dilma e Bolsonaro. Nota-se que os ensaios foram concebidos de forma independente, originalmente publicados na revista britânica *London Review of Books* entre 1994 e 2019, de modo que o leitor já de início se depara com o fato de que as intervenções presentes no livro retêm o sentido original pelo qual elas foram produzidas: o de dialogar com o presente imediato, com a intenção de atuar nas discussões e problemas do momento de escrita, uma experiência que de modo geral marca as publicações e o tipo de intervenção político-cultural das revistas (Sarlo 1992, p. 9). Nesse sentido, deve-se levar em conta que o livro de Anderson é resultado da reunião de ensaios escritos separadamente e que expressam a opinião emitida pelo autor no próprio calor dos acontecimentos dos anos de 1994, 2002, 2011, 2016 e 2019. Esse traço explica, por sua vez, momentos de repetições analíticas (em que formulações são apresentadas mais de uma vez ao longo do livro), ou mesmo certas nuances e mutações na posição de Anderson do

- 366 -

primeiro ao último ensaio. Isso é visível sobretudo no que diz respeito ao seu balanço dos governos petistas, em que a expectativa que ainda existia de início em relação aos avanços sociais dos primeiros anos do governo Lula sofre uma espécie de desidratação, fazendo com que as críticas à mudança da natureza do PT (seu "transformismo", o "reformismo fraco", os limites da inclusão social pela via do consumo, a desmobilização movimentos sociais, a marginalização dos intelectuais, etc.) passem a prevalecer ao fim do livro.¹

Apesar de possuírem uma certa independência, os capítulos, quando lidos em conjunto, ganham um novo sentido, que é construído especialmente pelo último capítulo (único ensaio inédito presente no livro), em que Anderson tenta apresentar uma amarração entre as demais partes, dando um senso de totalidade e coesão que não estava previsto de antemão na escrita de cada ensaio. Nele, o autor, além de apresentar impressões iniciais sobre os primeiros seis meses de governo Bolsonaro, propõe a imagem que melhor representaria o movimento histórico do período em questão: uma "parábola". Cinquenta anos após o golpe de 1964, novamente o Brasil assistiria os militares colonizarem o poder, desafiando mais uma vez as forças progressistas, que agora tentam defender os marcos democráticos mínimos estabelecidos pelos pactos de 1988. E entender o período entre 1964-2019 a partir da figura de um arco não serviria apenas para identificar esse ponto de retorno, mas as próprias linhas de continuidade existentes nesse período, apesar da alternância política e das possíveis curvas delineadas no movimento histórico. Nesse ponto, destaca-se, por exemplo, desde a discussão se o governo Lula representou ou não uma ruptura ao modelo neoliberal de FHC, até a avaliação de Anderson sobre a responsabilidade do próprio PT em alimentar e reabilitar as forças militares no cenário político brasileiro, tomando como marco as tropas enviadas pelo ex-metalúrgico ao Haiti em 2004. Além disso, a parábola seria uma figura capaz de dar conta da preocupação norteadora do trabalho de Anderson enquanto historiador: captar não fragmentos e eventos separados, mas a *totalidade* histórica.

Um traço forte do livro, que em muitos momentos chega a impressionar o leitor brasileiro, é o nível de conhecimento do autor sobre os fatos, personagens e movimentações políticas que marcam a conjuntura brasileira nos últimos anos, que são expostos por ele numa narrativa quase que jornalística (a exemplo de sua descrição sobre o mensalão, a Lava-Jato e o golpe parlamentar de 2016). Tal domínio se deve não só a sua reconhecida erudição (marca de seu trabalho historiográfico e editorial como um todo), mas ao próprio fato de o

¹ Vale destacar que este tom de análise que não é exclusividade deste livro, mas marca a própria produção intelectual de Anderson nos 2000, em que o autor passa a pregar abertamente um "realismo intransigente", pautado no apoio a "movimentos locais ou reformas limitadas, sem fingir que eles alteram a natureza do sistema", já que "nenhuma agência coletiva capaz de se igualar ao poder do capital está ainda no horizonte" (Anderson, P. Renewals. *New Left Review*, 2:1, 2000, p. 6).

Brasil, longe de uma preocupação corriqueira, na verdade ocupar um lugar específico em sua trajetória e projeto intelectual. Como ele mesmo expõe em seu prefácio à edição brasileira, trata-se de um vínculo intelectual e afetivo que remonta à época em que visitou pela primeira vez o país, em 1966, ainda no momento inicial de sua carreira. Uma estadia curta, mas que foi suficiente para que ele cogitasse, aos seus vinte e poucos anos, se tornar um brasilianista, e que o levou a construir laços de amizade e de trabalho com a intelectualidade de esquerda brasileira de sua geração, em especial, aqueles intelectuais que (de forma bastante similar aos britânicos da Nova Esquerda) também estavam redescobrendo Marx e o marxismo nos anos 1960 (Schwarz 1999).

Desde então, Anderson fez frequentes retornos ao Brasil para visitas e palestras (muitas das quais coincidentes com os períodos de escrita dos artigos presentes no livro), de forma que o país tornou-se um objeto de preocupação constante do autor, ao lado de Índia, Estados Unidos, Rússia e China, formando parte importante de seu projeto intelectual, inaugurado nos anos 1970, de estudar a formação do Estado de um *ponto de vista comparativo* (visão que compartilhava com seu irmão, Benedict Anderson). Além disso, trata-se de um vínculo que garantiu-lhe a colaboração com autores como Roberto Schwarz, João Quartim de Moraes, Chico de Oliveira, Mario Sergio Conti, Emir Sader, André Singer, que tornaram-se presença frequente nas páginas da *New Left Review*, firmando um dos objetivos primordiais do projeto editorial de Anderson, desde o momento em que assumiu a direção da revista em 1963 - o *internacionalismo* (NLR Editors & NLR Editorials 1963). Os escritos de Anderson sobre o Brasil que ganharam recentemente o formato de livro, portanto, para além de serem mero produto da admiração intelectual e afetivo do autor pelo país, são também efetivamente tributários de um processo de socialização internacional e de uma estratégia de configurar o marxismo contemporâneo enquanto uma rede de circulação de ideias e pessoas, com alcance e capilaridade no centro e na periferia do capitalismo. Nesse sentido, a preocupação de Anderson sobre o Brasil pode ser encarada não apenas como um sintoma de uma geração de intelectuais cosmopolitas europeus que, desde a Revolução Cubana, desenvolveu uma solidariedade "terceiro mundista" e passou a acompanhar o desenrolar das lutas na América Latina como atadas ao futuro da esquerda mundial, como um termômetro da efetividade de um projeto político-editorial que se pretende internacionalista.

Mais do que uma nota de rodapé, esse é um elemento importante para entender o próprio teor do livro. Torna-se nítido que seus ensaios são devedores de conversas e informações que ele teve contato e acompanhou de perto durante as visitas realizadas ao país nos momentos de "viragem política" que são objeto de seus textos, e que inclusive

justificam o nível de detalhamento que ele dispõe sobre os bastidores da política brasileira. Além disso, mostra o quanto a tentativa de oferecer um relato "distanciado" de paixões políticas, a partir da vantagem de ser estrangeiro, é mais complexo do que aparenta. Em primeiro lugar, porque os relatos de Anderson estão repletos de jargões, emitidos em suas desconfiças com Fernando Henrique (um ex-intelectual marxista e crítico da dependência, que se tornou um agente da política neoliberal), nos momentos de admiração por Lula ("o político mais bem-sucedido de seu tempo"), bem como no tom trágico levantado para caracterizar os rumos do PT [que "passou por uma mutação que o incluiu nas fileiras deformadas do restante da fauna brasileira, ao lado do PMDB, PSDB, PP e de outros da mesma laia"] (Anderson 2020, p.55 e 119). Em segundo, porque as opiniões de Anderson são tributárias das análises de intelectuais brasileiros, aos quais ele inclusive não esconde admiração, como Roberto Schwarz e André Singer, considerados por ele como "o melhor crítico dialético do mundo desde Adorno" e "o melhor intelectual do partido, quiçá o pensador social mais significativo de sua geração na América Latina", respectivamente (Ibidem, p. 78 e 92). Nesse ponto, é curioso perceber que a tentativa de Anderson de compreender o Brasil passa por mobilizar e conciliar pontos positivos e negativos presentes nas teses tanto de Chico de Oliveira em *O Ornitórrinco* quanto de Singer em *Os sentidos do lulismo*, buscando mediar e balancear as posições apresentadas por estes autores. Com isso, tenta quebrar a dicotomia das narrativas que são comumente levantadas para explicar a ascensão de Bolsonaro, em que o PT é visto ora como vítima, por ter sofrido um golpe parlamentar e perseguição judicial e midiática, ora como culpado, por ter traído os interesses da classe em sua "hegemonia às avessas".

O livro de Anderson, nesse sentido, é um bom indexador de fatos e interpretações para o leitor interessado em pensar o Brasil hoje de um ponto de vista panorâmico e crítico. Trata-se de uma obra que deve ser entendida nesta chave, como um relato jornalístico e historiográfico, e não propriamente sociológico, já que não se propõe a construir uma teoria sobre a formação brasileira ou sobre a extrema-direita, algo que exigiria uma incursão no próprio pensamento social e na história das ideias, que não é exatamente o caminho apresentado por Anderson em seus ensaios de cunho conjunturalista.

Referências bibliográficas

Anderson, P. (2000) Renewals. *New Left Review*, 2:1.

_____. (2020) *Brasil à parte*. São Paulo: Boitempo.

NLR Editors & NLR Editorials. (1963) On internationalism. *New Left Review*, 1:18.

Reviews

Sarlo, B. (1992) Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América: Cahiers du CRICCAL*, n. 9-10.

Schwarz, R. (1999) "Um seminário de Marx". In: *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras.

